

M. PÊCHEUX E SUA TEORIA NÃO-SUBJETIVA DA SUBJETIVIDADE: (RE)VISITANDO OS CONCEITOS DE *LÍNGUA*, *IDEOLOGIA & INCONSCIENTE* NA CONSTITUIÇÃO DA ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA (AD)

Hélder Sousa Santos¹

RESUMO

O presente ensaio se propõe a analisar e discutir algumas das especificidades epistemológicas que definem o projeto pecheutiano de uma semântica discursiva. Para conseguirmos aduzir isso aqui, (con)centramos nossas atenções em três pontos que definem bem tal projeto: as noções de *língua*, *ideologia* e *inconsciente* em AD. Todas as observações que daí cuidamos por (re)construir tiveram na teoria marxista materialista bases teóricas sólidas para a análise que M. Pêcheux (1995) (des)envolve em *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* sobre o que designa de processos discursivos.

Palavras-chave: ideologia, inconsciente, língua, materialismo.

Ao nos colocar aqui a refletir acerca de alguns conceitos, fundamentos, particularmente sobre os conceitos de *língua*, *ideologia* e *inconsciente*, do dispositivo de análise de textos designado por M. Pêcheux (1995) de Análise de discurso (AD), queremos, na medida do possível, explicitar possíveis *articulações teóricas* que daí nos obriga reconhecer, a fim de que compreendamos melhor certos caminhos que o projeto pecheutiano de uma semântica do discurso perfilhou.

Sobre tais *articulações teóricas* — da forma com que preferimos manter entre aspas esses termos, zelando, também como em *Semântica e discurso* (p. 269), pelo que o leitor poderia a partir daí interpretar —, destacamos que, a princípio, parecem nascer da chamada *Tríplice Aliança* (Marxismo, Psicanálise e Linguística) a qual, mais tarde, Pêcheux (1995, cf., p. 269), em *Só há causa daquilo que falha*, assume como problemática. Atentos a pressupostos teóricos que circunstanciam essas “articulações”, diríamos que algo delas, sob efeito de um recorte teórico que tivemos operar no texto

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU.
E-mail: helder_sousa@terra.com.br

que ora apresentamos, serve-nos para caracterizar fundamentos de uma teoria não-subjetiva em AD. É disso, então, que, doravante, ocupamo-nos em exhibir.

Antes, porém, de nos colocar a entender aspectos centrais dessa teoria, há que se fazer alusão àquilo que levou Pêcheux a propor um corte epistemológico para a ciência da linguagem, a Linguística. Nesse caso, trata-se do chamado *Idealismo alemão* cujo pensamento que o orientava baseia-se justamente no fato de supor haver um ser absoluto, um sujeito pleno, *senhor de si*, de suas ações que o *fazem SER* no/do mundo. A tal idealismo, então, Pêcheux opôs-se, já que assume para si a impossibilidade de existir um mundo exterior aos homens funcionando como consequência de uma teoria.

A partir do momento em que Pêcheux nega o *Idealismo alemão* reinante na história das ciências do século XVIII até segunda metade do século XIX, ele mesmo faz intervir no domínio da ciência Linguística aquilo que tanto ambicionava construir, uma teoria do/de discurso, a chamada filosofia materialista de Marx (século XIX) — filosofia que, na época, ocupou-se em explicar a própria constituição da natureza contraditória do sistema capitalista, no caso, as chamadas *lutas de classe*. Nas palavras do próprio Pêcheux (1995, p. 80), “(...) longe de fornecer resultados, essa intervenção consiste, sobretudo, em *abrir campos de questões* (...)” — tão verdadeiro é isso para o autor que o quadro epistemológico que passa figurar no estudo da linguagem, em especial, na segunda metade do século XX, a partir da década de 60, funda-se diante de uma contradição de base materialista cuja (pre)tensão era justamente colocar-se no mo(vi)mento do explicável-inexplicável que constitui as práticas sociais inscritas em aparelhos ideológicos de base econômico-social.

Deve-se dizer, então, que Pêcheux encontrou nas bases da filosofia materialista meios para construir o que mais tarde viria a designar de *processos discursivos*. Havia uma divisão discursiva contraditória por detrás da suposta unidade da língua, pensava o autor; divisão que o levou perceber que as representações que os homens produzem são decididas a partir de fatos da ordem da vida social (fatos do sistema capitalista), e, por isso, feitas, significadas enquanto produtos de concepções de natureza religiosa, política, ideológica, etc.

Com efeito, essa posição materialista que Pêcheux assumiu na condição de uma exterioridade constitutiva de processos discursivos é que o permitiu enxergar os próprios processos ideológicos; estes como sendo instâncias de constituição de sentidos,

de discursos. Como o autor cuidava por não cair em noções filosóficas do idealismo alemão, em noções que assumiam para si o fato de o *sujeito de discurso(s)* ser livre, origem de fenômenos, homogêneo, a postura materialista serviu a ele para propor o que chamou de *teoria das ideologias* — isso foi (re)pensado por Pêcheux próximo ao que está posto em teses marxistas althusserianas sobre a questão das ideologias. Eis, então, uma das dimensões² que compõe a teoria não-subjetiva da subjetividade em AD: a dimensão ideológica.

Essa dimensão, que, em Pêcheux (1995, p. 141), corresponde a fatos que se correlacionam à tese de Althusser (*A Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos*), não denota noções vagas tais como *conjunto de ideias, crenças de uma sociedade*, nem muito menos para uma suposta *ocultação de mensagens* de textos. Ela, ao contrário, corresponde ao próprio funcionamento do inconsciente³, que, também, não deixa de ser aquilo que constitui o sujeito de/do discurso. Nesse sentido, Ideologia para o autor está para um mecanismo de produção, de orientação de sentidos cujos efeitos disso são as próprias discursividades que são produzidas a partir de uma posição ideológica que o sujeito assume ao (se) significar.

No que tange, pois, à noção de Ideologia em Pêcheux (1995), faz-se necessário destacar que ela se relaciona a uma teoria que o autor desenvolve para tratar do sujeito: a teoria da *forma-sujeito do discurso* (idem, cf., p. 145-150). Esta teoria, resultante da leitura que Pêcheux realizou de Althusser, confrontada, também, com textos de Lacan, orienta-nos a perceber que a ideologia fornece evidências ao sujeito de/do discurso, levando-o a crer que uma palavra, expressão, proposição *diz algo*, estando nelas *claros* “seus” sentidos; o que, conseqüentemente, conduz a percepção de que o sentido tem um caráter material. Isso é tão legítimo para o que o autor postula, que ele passa a nos demonstrar, por meio de duas teses, que tal caráter material é dependente do sentido das formações ideológicas.

Sumariamente aqui, a primeira tese do autor (tese n. 1) nos diz que “o sentido não existe em si”, na sua relação transparente com o significante, mas, oposto a isso, “é

² No que concerne à outra dimensão, a psicanalítica (de filiação teórica lacaniana), apresentamos a mesma aqui apenas sob forma de alusão àquilo que nos remete à noção de inconsciente freudiano, que, nesse caso, por sua vez, autoriza-nos referi-lo à noção de sujeito de discurso em Pêcheux.

³ Cabe aqui lembrar, nas palavras do próprio Pêcheux (1995, p. 278), que aquilo que diz respeito “a ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro inconsciente”.

determinado por posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio histórico no qual as palavras (...) são produzidas (isto é reproduzidas)”. Já a segunda tese (tese n. 2) nos esclarece que “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas (...)” (PÊCHEUX, 1995, p. 146-149).

Essas teses, efetivamente, servem a Pêcheux como forma de nos dizer daquilo que tanto suspeitava e que se fazia necessário desmistificar: as supostas homogeneidades do sujeito apregoada pelo idealismo alemão e transparência do sentido. Em se tratando da noção de Ideologia, reconhecida pelo autor como constitutiva do discurso, como aquilo que de fato interpela indivíduos em sujeitos, ou ainda, como algo que se assemelha ao inconsciente, dado que este é discurso do outro, é oportuno aduzirmos aqui os dois esquecimentos constitutivos do sujeito. Esses esquecimentos afetam o sujeito de/do discurso, oferecendo-lhe uma realidade discursiva ilusória na qual o mesmo (esquecimento n. 1) se coloca como origem do dizer, a fonte exclusiva do sentido (a ilusão de *ser* um, uno), fazendo-se *certo* (esquecimento n. 2) de que o sentido do que lê/ouve/enuncia é transparente (PÊCHEUX, 1995, p. 161-162).

Ante a essas observações que (re)produzem elementos do arcabouço teórico que constitui a dimensão ideológica do discurso, gostaríamos de ainda destacar que o enlace que se dá entre o caráter materialmente linguístico de textos e o caráter ideológico constitutivo da *forma-sujeito do discurso* corresponde, efetivamente, à própria materialidade linguístico-discursiva que Pêcheux ousou aventar em seu projeto de uma semântica do discurso. Nesse caso, para tratar de forma acirrada seu foco de investigação, o sentido, o autor teve de se colocar em uma posição teórica que lhe favorecesse repensar a *noção de língua* (esta demonstrada em Saussure, o fundador da ciência linguística no século XX, como sendo *um sistema de signos arbitrários*; signos esses que se mantêm enquanto efeito de um vigor criador interno ao sistema do qual somente nesse espaço, desligado de qualquer contexto externo, são parte), contraditoriamente ligada à *história* (que em Pêcheux não se simplifica a datas, conteúdos, mas define-se enquanto o modo como os sentidos das materialidades são produzidos) e ao *sujeito* (o sujeito de/do inconsciente, o qual, dado a interpelação a que fica assujeitado, identifica-se a uma formação discursiva a fim de significar(-se)).

Uma vez então admitindo ser caráter linguístico (in)vestido de um caráter ideológico, conforme Pêcheux defende na semântica de base materialista que inaugura para os estudos da linguagem, passa-se, no âmbito dos estudos linguísticos, a definir especificidades teóricas caracterizadoras daquilo que constitui a noção de discurso em trabalhos de AD. Ora, se como Pêcheux pretendia se desvencilhar da evidência idealista de uma linguagem que comunica por meio de palavras, com sentidos a essas *já* fixados, *calculáveis*, existem certamente respaldos teóricos na filosofia materialista marxista para nos fazer perceber que as práticas discursivas (des)envolvidas a partir de relações sociais entre indivíduos materializam-se em discursividades nas quais língua-ideologia-sujeito (se) (des)articulam produzindo sentidos.

É por isso então que não se pode associar a noção de historicidade implicada aos processos discursivos a uma mera reflexão em que já se imagina ser-estar o/no discurso, posto que precisaríamos de aí admitir que a questão do sentido, cara em Pêcheux, coloca-se sob as mesmas determinações ahistóricas que fizeram funcionar perspectivas do chamado idealismo alemão.

Em Pêcheux, com efeito, o objeto língua passa ser (re)definido com dada autonomia, isto é, sob pena de uma autonomia relativa. Assim, a língua, sistema de signos linguísticos (em Saussure), é concebida no projeto pecheutiano da AD como um objeto (e)feito de leis relativamente autônomas, paralelamente funcionando em meio a processos discursivos. Esse funcionamento, em hipótese alguma, limita-se a um mero ato de o sujeito servir-se do sistema da língua para *significar sentidos*; trata-se, diferentemente, de um sistema de formações ideológicas que a todo momento caracterizam e definem a própria noção de discurso. A língua, parafraseando Flores (1999, p. 102), na perspectiva discursiva, é uma instância material de confrontos sociais e, também, condição de se atribuir aos discursos determinados efeitos de sentido.

Enfim, face a todas essas elucidações anteriores que compõem parte dos fundamentos centrais da AD pecheutiana, faz-se necessário aqui retomarmos a questão da não-subjetividade a que Pêcheux demasiadamente ateuve-se ao propor uma semântica do discurso. Assim sendo, o fato de o autor excluir de seu projeto de AD qualquer referência a parâmetros subjetivos no tratamento a que visava dar a questão do sentido justifica-se perante o apoio encontrado em uma teoria materialista que desse conta de fornecer caminhos-outros, por exemplo, em direção a possibilidade de negar um sujeito

pleno, imaginariamente consciente do seu dizer, conforme se faz notável em proposições do empirismo idealista alemão.

É fato, pois, que Pêcheux só fez isso (deixou cair por terra a noção de sujeito físico), porque via no que designou de *forma-sujeito* do discurso a possibilidade de não tomar como identificável em materialidades linguísticas aquilo que, imaginariamente, se diz, julga querer o sujeito dizer. Alerta a isso, o autor, apoiado em uma perspectiva materialista, passa observar que o sujeito — que em Pêcheux é sempre sujeito — é feito de interpelações ideológicas da formação discursiva que insere. Por isso, então, há que se considerar, sim, que a relação interdiscursiva que determina o funcionamento de (*seus*) dizeres é a condição de existência de uma teoria não-subjetiva.

Referências

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Linguística e Psicanálise: princípios de uma semântica enunciativa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

M. PÊCHEUX AND HIS NON-SUBJECTIVE THEORY OF SUBJECTIVITY: (RE)VISITING THE CONCEPTS OF LANGUAGE, IDEOLOGY & UNCONSCIOUS IN THE CONSTITUTION OF FRENCH DISCOURSE ANALYSIS (DA)

ABSTRACT

This review aims to analyze and discuss some of the epistemological characteristics that define the pecheutiano project for a discursive semantics. To be able to adduce it here, we concentrate on three points that define this project: the notions of *language*, *ideology* and *unconscious* in AD. Every comments that here we build took on the marxist materialist a solid grounding for the analysis that M. Pêcheux (1995) designated in *Semantics and Discourse: a critique of stating the obvious* about discursive processes.

Keywords: ideology, unconscious, language, materialism.